



## CONCLUSÕES DO V COLÓQUIO NACIONAL DE HORTICULTURA BIOLÓGICA

No V Colóquio Nacional de Horticultura Biológica (VCNHB), realizado a 11 e 12 de maio de 2023, no Instituto Politécnico de Viseu, foi promovida a comunicação entre os agentes e transmitida informação sobre avanços técnico-científicos nas várias dimensões que envolvem o setor. A comunidade foi convocada, de forma abrangente, a refletir sobre a temática da alimentação e sistemas alimentares, numa perspetiva positiva de mudança, face aos desafios que a humanidade enfrenta.

Nas 60 propostas de trabalhos, recebidas para comunicações, orais e em painel, enquadradas nas sessões temáticas do fórum, estiveram envolvidos mais de uma centena de autores provenientes de instituições diversas, a representar a quase totalidade do território português, onde o Sistema Científico e Tecnológico Nacional assumiu forte representação. É de realçar a forte participação de jovens investigadores e técnicos, entre os autores, e as sinergias promovidas pelo VCNHB entre a comunidade científica e o tecido empresarial.

1. Foram apresentadas técnicas de produção com resultados promissores para integração nos itinerários técnicos de sistemas de produção hortícola em modo de produção biológico. De entre os assuntos abordados, as questões de qualidade e fertilidade do solo revelaram estar no radar da comunidade científica e técnica com ênfase especial para a nutrição das plantas e proteção das culturas. Foram divulgadas novas soluções para melhoria de fertilidade com uso de compostados, subprodutos e cobertura do solo com origens diversas, adegas, indústria da cerveja, resíduos de culturas e outras, ricos em matéria orgânica, com características químicas e físicas altamente promissoras numa perspetiva positiva de circularidade dos sistemas produtivos.
2. Um especial sublinhado para os trabalhos em torno do tema da biodiversidade do solo, microbiota e serviços dos ecossistemas assegurados pelas

- comunidades presentes nos solos e pelos benefícios da aplicação de técnicas culturais melhoradoras, como culturas de cobertura para sideração, entre outras.
3. A proteção das plantas e as soluções biológicas e culturais para limitar diversos inimigos das culturas estiveram em destaque com a apresentação do uso de microalgas no controlo de doenças, também o controlo de infestantes e informação científica sobre comportamento de predadores generalistas que permitem orientar as opções pela conservação da fauna auxiliar versus tratamento biológico, com recurso a espécies disponíveis comercialmente. Tópicos relacionados com as implicações positivas de associações mutualistas na planta e o impacto na proteção também mereceram destaque.

Na Sessão II foram apresentados estudos sobre transformação e nutrição com proposta de novos produtos para alimentação e suplementos alimentares reveladores de interesse para a sustentabilidade e valorização económica de variedades tradicionais.

A qualidade de vida e bem-estar foi um tópico abordado na relação entre a alimentação, saúde e inerente perceção dos consumidores de acordo com os vários perfis sociodemográficos. A opção por alimentos biológicos e o bem-estar estão positivamente relacionados, o que nos orienta para linhas novas no campo da saúde física e mental.

Na Sessão III, sobre aspetos socioeconómicos e organização do setor, refere-se com especial interesse a síntese da evolução da agricultura biológica em Portugal ou de sistemas muito próximos, dando nota de tópicos e debates de referência com marcos técnicos e políticos baseados em pessoas, acontecimentos e publicações anteriores a abril de 74 e pós-revolução. Na mesma Sessão foram revelados estudos sobre o desenvolvimento da AB em área e fileiras, numa janela de 10 anos, entre 2009 e 2019, para a Região Centro de Portugal com destaque para a crescimento deste modo de produção. Dar nota que a informação disponibilizada esclarece que os empresários agrícolas em AB situam-se em faixas etárias mais baixas e têm mais formação, nomeadamente formação superior com hábitos de estudo e pesquisa, o que se manifesta promissor para o futuro deste modo de produção, embora um dos grandes constrangimentos pareça ser a escassez de mão de obra na agricultura.

A identificação de problemas, dúvidas, ideias, e soluções inovadoras em cocriação pode ser o caminho mais construtivo para um aumento em número e qualidade das operações e logística associadas às unidades de produção.

A AB está em construção com continua aprendizagem, porque pode e deve integrar novas tecnologias de produção, valorização da produção, com outros circuitos de comercialização e inclusão do consumidor como elemento efetivo dos processos de aceitação e mudança.

Deu-se enfoque ao facto de que a mudança está dependente das atitudes positivas, que por sua vez dependem da informação e sensibilização para o reforço da ligação do homem, da sua vida e rotinas diárias à natureza. Educação e sensibilização para as atitudes e opções no que respeita a alimentação, desde os primeiros anos de vida das crianças, deve inovar para modelos inclusivos continuados e transformadores com práticas de aprendizagem e demonstração nas escolas com intenção de elevar o reconhecimento social dos agricultores e de outros atores associados às atividades agrícolas e aos sistemas alimentares. A desejável sustentabilidade não pode minorar a dimensão social, qualidade de vida e o reconhecimento pelo conhecimento tradicional, onde a diversidade da agricultura portuguesa se manifesta como um aspeto forte.

Por fim, uma reflexão sobre o futuro da agricultura biológica, na mesa-redonda, encerrou os trabalhos. Ficam 10 pontos a destacar para o fomento da AB:

I – Motivações ambientais, de saúde, económicas, culturais e políticas podem ser o alicerce para a mudança de modelos produtivos. Podemos encontrar um pouco de cada, onde a partilha de experiências e exemplos de sucesso é muito relevante.

II – A organização do setor deve basear-se na identificação coletiva das necessidades dos produtores. Formar grupos com sucesso na sua atuação deve saber responder aos problemas e constrangimentos existentes. Redes multi-atores e multifuncionais poderão fazer a abordagem mais necessária (novas formas de associação) e há que trabalhar a confiança com modelos transformadores.

III – A incorporação de conhecimento para melhores práticas e modelos produtivos mais eficientes deve ser alterada para desenvolvimento em cocriação. Modelos produtivos, como é a AB, muito dependentes e com relações fortes com a natureza e o ambiente, são plurais, devem ser desenhados à medida das realidades ecológicas, económicas e sociais em que se enquadram cada empresa e cada exploração. A investigação deve ser orientada para um público previamente caracterizado e real.

IV – O financiamento para investigação e desenvolvimento deve ser redesenhado para permitir investimento em modelos de agricultura sustentável.

V – Os sistemas produtivos deverão ter mais diversificação no que respeita às opções culturais. A procura e opção por circuitos comerciais distintos pode reduzir o risco e

facilitar o sucesso. A constituição de redes informais parece facilitar o ultrapassar das dificuldades.

VI – Empresários agrícolas em AB devem ter conhecimento, devem procurar formação e informação, devem planear as atividades e a comercialização. As soluções são muitas vezes encontradas “à medida”, plurais e diversificadas.

VII – A sustentabilidade económica da AB está interdependente dos consumidores que confiam, fieis ao modelo produtivo.

VIII – O significado da certificação, muitas vezes, não é claro para os consumidores. A certificação pode não satisfazer o produtor no que respeita aos princípios e surgem novas formas, outros conceitos e nomenclaturas ecológicas que inundam a comunicação e complicam ainda mais a perceção dos consumidores.

IX – O sucesso local poderá estar positivamente ligado ao envolvimento das estruturas municipais.

X – O sucesso local poderá estar positivamente ligado à opção de AB em cantinas públicas e escolas.

**- FIM -**